REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTASIOU, Léa C. & PIMENTA, Selma G. PIMENTA, Docência no Ensino Superior. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional / Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br> Acesso em: 27/10/2019.

CUNHA, Maria Isabel da. Docência na universidade, cultura e avaliação institucional: saberes silenciados em questão. Rev. Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, 2006.

CUNHA, M. I. Formação docente e inovação: epistemologias e pedagogias em questão. In: ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 14. 2008.

Porto Alegre. Anais. Recife: Edições Bagaço, 2008. v. 1. p.465-476.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 2. ed.São Paulo: Paz e Terra, 1997.

PIAGET, Jean. Para Onde vai a Educação? Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

ISAIA, S. M. de A. Desafios à docência superior: pressupostos a considerar. In: Docência na educação superior : Brasília, 1º e 2 de dezembro de

2005/Organização: Dilvo Ristoff e Palmira Sevegnani. – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006b. XX p. – (Coleção Educação Superior em Debate ; v. 5).

NOGUEIRA, Amanda Espírito Santo; LIMA, Ubirajara Couto. Os professores não licenciados e a docência no ensino superior: uma proposta de curso de formação inicial. In: Colóquio Educacional: Educação e Contemporaneidade, 6,

2012. São Cristóvão- SE. Set, 2012. Disponível em: . <http://educonse.com.br/2012/eixo_13/PDF/12.pdf> Acesso em: 23/11/ 2019.

REVISTA ENSINO SUPERIOR - O papel do docente hoje - Disponível em: < https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/o-papel-do-docente-hoje-efazer-parceria-com-os-alunos.> acesso em 22 /11/ 2019.

VASCONCELOS, Maria Lucia M. de Carvalho. A formação do professor do ensino superior. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

ZABALZA, M. A. O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

MARCILENE BATISTA DA COSTA

DE PAULA

RESUMO

Esse artigo pretende buscar reflexões sobre as contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento infantil. As histórias são uma parte muito importante da infância e são de grande importância no seu desenvolvimento. Contar histórias para crianças desde a mais tenra idade é muito importante, pois desde cedo começam a ter motivação para ler, desenvolvem a sua

atenção e favorecem momentos de diálogo criando laços afetivos entre o adulto e a criança. O momento da história, tanto na família quanto na escola, deve ser um momento mágico e sem pressa em que o adulto gosta de contar a história tanto quanto a criança a escuta ou observa suas imagens. Por meio de histórias, as crianças se interessam por seu ambiente e entram em um mundo de fantasia enquanto aprendem muitos valores da vida real. Em suma, pode-se dizer que a literatura infantil é importante, pois contribui para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. Desde cedo, pais e professores devem incutir na criança o hábito da leitura. Este primeiro passo o predispõe a uma formação crítica e responsável onde você é parte ativa da sociedade. Quando a criança é pequena, as primeiras leituras da mãe ou do pai servem para fortalecer os laços emocionais. Muitas vezes, as crianças anseiam pelo momento do dia dedicado à leitura, não só pelo fato de conhecerem uma nova história, mas pelo tempo que compartilham.

Palavras-chave: Fantasia. Laços Afetivos. Momento Mágico.

INTRODUÇÃO

Em relação aos benefícios específicos da literatura infantil, podemos citar que a criança que pratica a leitura desde cedo torna-se muito mais familiarizada com a escrita, o vocabulário e aprende a ortografia; melhora a pronúncia das palavras; sua comunicação e expressividade são mais fluidas; e suas dificuldades de aprendizagem são quase nulas.

A literatura infantil é essencial para desenvolver a capacidade da criança de compreender, de adquirir novos conhecimentos e de interagir com outras crianças ou adultos.

Geralmente as crianças não gostam de ler, entediam-se ou fazem-no por obrigação, por isso o grande desafio dos adultos é incutir o hábito da leitura, para que o façam de forma agradável e significativa. Um primeiro passo para este desafio é ensinar pelo exemplo, as crianças tendem a imitar o que os mais velhos fazem, por isso tanto os pais como os educadores podem mostrar aos pequenos que gostam do momento da leitura e que a literatura pode oferecer-nos histórias fascinantes.

A forma como essas histórias são contadas é extremamente importante, usando a voz para dar vida aos personagens e atuando com sons, tons e gestos para dar animação à história.

Não se trata de virar palhaço, mas contar uma história de forma atraente e lúdica vai despertar na criança a motivação para conhecer novas histórias, novos personagens e cenários.

A ideia é que as crianças, antes mesmo de saberem ler, comecem a ler de forma agradável, que ao invés de distanciarem-se, aproximem-se dos livros. Para isso, a narração oral, além de ser uma arte em si, é um instrumento muito eficaz.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA O UNIVERSO INFANTIL

A literatura infantil tem sido, desde o seu início, um elemento essencial na vida e no desenvolvimento da primeira infância. Do ponto de vista pedagógico, especificamente as histórias infantis são um elemento fun-

damental no dia a dia da criança. Procuram deixar uma mensagem, um ensinamento, uma moral ou simplesmente cativar a atenção do leitor. A literatura em geral foi, durante séculos, utilizada para comunicar histórias, sentimentos, opiniões. Em particular, a literatura infantil visa cultivar hábitos de leitura desde a mais tenra idade e estimular o gosto pela leitura à medida que a criança cresce.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. Porque se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo). (ABRAMOVICH, 1995, p. 17)

Reconhecer a importância da literatura infantil é estimular a formação do hábito da leitura na idade em que os hábitos são formados, ou seja, na infância. A literatura infantil é um caminho que leva a criança ao desenvolvimento da imaginação, expressando emoções e sentimentos, de forma significativa.

A contribuição da literatura infantil para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança é extremamente importante. Ao longo dos anos, a educação preocupa-se em contribuir para a formação de uma criança crítica, responsável e interativa com a sociedade.

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas cultuais de lidar comas emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade da criança. (BRASIL, 1998b, p. 143).

Uma criança que lê será superior em muitos aspectos. Praticar a leitura o ajudará a aumentar o vocabulário , familiarizar-se com a escrita, pronúncia correta das palavras, melhores habilidades de comunicação e sem erros ortográficos. O mais provável também é que não tenham dificuldades de aprendizagem e até uma capacidade de compreensão maior do que o resto das crianças.

Por outro lado, a escola busca conhecer e desenvolver nas crianças a capacidade de ler e escrever e como a literatura infantil pode influenciar positivamente neste processo. O fato de contar histórias desde a mais tenra idade, influencia para transformar a criança em um adulto ativo, responsável por sua aprendizagem e que sabe compreender e interagir no contexto em que vive, de acordo com suas necessidades.

Ter acesso à boa leitura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor,

como leitor, preocupa-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida. (BRASIL, 1998b, p. 143).

Incutir na criança o hábito da leitura desde cedo é vital dada a importância da literatura infantil, pois é essencial para a aquisição de conhecimento, recreação, informação e interação.

O desenvolvimento do pensamento crítico nasce na consciência e na capacidade de descentralizar para ouvir ativamente. Até quarenta anos atrás, havia uma tradição de contar contos de fadas, anedotas, poemas. As crianças não tinham pressa. Quanto mais longa a história, mais tempo as crianças poderiam ficar com os adultos para ouvir. Houve uma investigação do significado. Hoje não é mais contado. As histórias costumam ser lidas para crianças ou elas são deixadas sozinhas diante de um livro, ou mais, para assistir a histórias por meio de narradores virtuais.

CONTAR HISTÓRIAS COMO HOSPITALIDADE

Contar histórias é uma forma avançada de hospitalidade e marca profundamente tanto quem narra quanto quem escuta.

O narrador acolhe-nos a entrar no seu mundo e declara-se disponível para interagir com o mundo dos ouvintes: convida-os e também se deixa ser convidado.

O encontro entre narrador e ouvinte estimula ambos. É uma página escrita que ganha vida. É o prazer de ler ouvida.

Como é reforçado por Abramovich (2003, p. 24):

Ouvir histórias é um momento de gostosura, de prazer de divertimento dos melhores. É encantamento, maravilhamento, sedução [...]. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, postura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a serem resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca [...] (desde que seja uma boa história)

Na verdade, o que acontece é uma troca, por meio dessa atividade o escritor também se enriquece. Um autor não pode ser considerado isolado, ele faz parte de uma comunidade, vive em uma sociedade e tem que fazer parte dela interagindo com os outros.

Existem comunicações que não fazem sentido, que não deixam nada para vocês. Por exemplo, as conversas feitas nos quartos, as palavras vazias entre estranhos ditas no compartimento de um trem. A narração é outra coisa, ela busca interação. Um elo forte que une os acontecimentos contados à medida que o tempo passa inexoravelmente, convida-nos sempre a “estarmos prontos”, sem perder a concentração. Os pequenos eventos passam a ser algo que merece a nossa participação. A história contada se refere ao interlocutor com a mesma intensidade com que o narrador sente sua participação. O ouvinte é empurrado para essa aventura, porque parece que faz parte da história. A força de participação não deriva da acuidade dos conceitos. São os acontecimentos evocados por uma onda emocio-

nal que nos leva a senti-los nossos, apesar do fato de que os protagonistas estão muito distantes.

Abramovich (1995, p.18) destaca que:

Contar histórias é uma arte [...] e tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro [...] Ela é o uso simples e harmônico da voz.

Através da narração você tem a certeza de que terá a participação de outras pessoas porque ela tem a capacidade de surpreender, de colocar em discussão o seu próprio mundo, desconhecido e indecifrável. Quem aceita experimentar a vertigem da surpresa, tem a capacidade de se expor diante do que não conhece. A narrativa é capaz de criar maravilhas porque se estende a uma aventura que ainda não foi vivida. E isso com uma sequência que nunca é a mesma, é a mesma coisa que acontece quando se tenta provar um teorema da matemática. Na sucessão infinita de eventos reais, a história escolhe apenas alguns e os organiza de uma forma que continua a ser uma "história". Enfrenta uma realidade considerada mais ampla e mais solene do que é contada.

[...] imagens visuais e paisagens sonoras nítidas, e apresenta um sujeito contador com domínio de recursos vocais e corporais [...] muda a intenção de contar, mas permanece o que é essencial: a condição de encantar, de significar o mundo que nos cerca, materializando e dando forma às nossas experiências. (BUSSATTO, 2006, p 10).

A narrativa é um processo pelo qual o ser humano relata suas ações cotidianas, como as idas ao trabalho, os lugares que visitou, as pessoas que frequentam, entre outros. Além disso, é feito para explicar uma teoria, como um autor desenvolve seu argumento, também para mostrar como uma posição é defendida em uma discussão. Ou seja, narrar pode ser usado tanto para situações circunscritas ao imediato quanto para processos onde há mais abstração. Bakhtin (1999) afirma que os seres humanos se comunicam de maneiras diferentes de acordo com seu contexto e seu papel, por exemplo, em casa, na escola, no trabalho existem diferentes formas de fazê-lo, que ele denomina de gêneros discursivos. São de dois tipos: primários, são aqueles que são delimitados pelo contexto imediato, conversas, anedotas, piadas, têm registo oral; as secundárias, são mais descoladas da oralidade e requerem níveis de abstração distantes da situação de comunicação imediata, dentro delas estão: novelas, relato acadêmico, crônicas jornalísticas, atas, discursos políticos, conferências, entre outros.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A ALFABETIZAÇÃO

É inegável que as habilidades de leitura de uma criança são importantes para seu sucesso na escola, no trabalho e na vida em geral.

Está comprovado que a leitura para crianças pequenas melhora as habilidades cognitivas e ajuda ao longo do processo de desenvolvimento cognitivo. O desenvolvimento cognitivo é o surgimento da capacidade de pensar e compreender; é a construção de processos de pensamento, incluindo lembranças, resolução de problemas e tomada de decisões, desde a infância até a adolescência e a idade adulta.

De acordo com Paulo Freire (1989, p.07):

[...] aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não uma manipulação mecânica das palavras, mas uma relação dinâmica que vincula a linguagem e realidade [...].

Ler diariamente para crianças pequenas, desde a infância, pode ajudar na aquisição da linguagem, habilidades de comunicação, habilidades sociais e habilidades de alfabetização. Isso ocorre porque ler para seus filhos nos primeiros meses estimula a parte do cérebro que lhes permite entender o significado da linguagem e ajuda a desenvolver habilidades essenciais de linguagem, alfabetização e sociais.

As histórias vêm em uma variedade de formas: poesia, música, movimento, imagens, peças de teatro e até mesmo piadas de papai. Os criadores das histórias usam vários meios, como braille, linguagem de sinais, filmes e dança para compartilhar as histórias com outras pessoas.

Algumas histórias são dinâmicas, nós as ouvimos ou vivenciamos e então elas desaparecem. As histórias tornam-se estáticas quando as escrevemos ou gravamos de alguma forma para que possamos revisitá-las continuamente.

Crianças com deficiência visual ou surdocega podem vivenciar uma história explorando taticamente os itens coletados em uma caminhada ou brincando com os materiais usados para tomar banho, caso estejam colocados em uma caixa ou bolsa de experiências. Outra criança com baixa visão pode gostar de livros ilustrados simples com impressão limitada. Áudio e braille são outros meios que podem ser usados para compartilhar uma história com outras pessoas.

A forma ou o meio não são tão importantes quanto a própria história ou a criação da história.

Damos sentido às nossas experiências de vida em parte pelas histórias que aprendemos ou contamos a nós mesmos. Imagine uma história que a criança possa criar e revisitar.

[...] é essencial que o professor se aproprie de gama de saberes advindos com a presença das tecnologias digitais da informação e da comunicação para que estes possam ser sistematizadas em sua prática pedagógica. A aplicação e mediação que o docente faz em sua prática pedagógica do computador e das ferramentas multimídia em sala de aula, depende, em parte, de como ele entende esse processo de transformação e de como ele se sente em relação a isso, se ele vê todo esse processo como algo benéfico, que pode ser favorável ao seu trabalho, ou se ele se sente ameaçado e acuado por essas mudanças. (SOUZA, 2011, p.20)

No momento em que a criança conta a si mesma a história, não sabe se é ficção ou não. Ele está apenas construindo uma história baseada em sua experiência do que acontece quando ele grita à noite. Mas o poder dessa história pode ajudar a acalmá-lo e a agir para atender às suas próprias necessidades. Isso pode ser verdade para muitas histórias que lemos ou ouvimos.

Mesmo as histórias que podem nos assustar um pouco nos ajudam a enfrentar, porque o resultado para o protagonista ou herói acaba dando certo. Portanto, quando enfrentamos desafios em nossas próprias

vidas, podemos ter uma certa crença de que tudo ficará bem, eventualmente, se agirmos.

Os humanos estão constantemente criando histórias. Nós inventamos histórias em nossas cabeças sobre como será nosso dia antes de irmos para o escritório. Contamos a nós mesmos histórias sobre os lugares incríveis que veremos e coisas emocionantes que faremos ao planejar nossas férias. Contamos a nós mesmos histórias sobre como as pessoas nos tratam e como as tratamos. Somos nossas histórias.

Muitas pessoas podem não concordar que isso é uma narrativa, mas é onde muitos de nós começam a aprender o poder de nossa própria memória e imaginação. As histórias contadas em uma família ou cultura tornam-se ainda mais poderosas à medida que são compartilhadas ano após ano. Eles se tornam parte de quem somos, no que acreditamos e como vemos nosso futuro.

A literatura infantil promove a criança em seu processo de desenvolvimento e socialização, sendo que nessa fase os interesses da criança dizem a respeito, sobretudo ao som, ao ritmo, ás cenas individualizadas, os livros com poucos textos, muitas gravuras e rimas, tratando de animais e objetos conhecidos e cenas familiares ao mundo infantil. Sendo que nesse processo literário encontra – se o espaço privilegiado para estimular o sujeito como gerador das hipóteses mágicas, como afirma. (ZILBERMAN & LAJOLO, 1985, p.25).

Quando preservamos as histórias de alguma forma estática, como um livro, uma gravação ou um filme, pessoas de diferentes épocas e lugares podem compartilhar essa história. Muitas dessas histórias orientam populações inteiras no aprendizado de como viver suas vidas (por exemplo, textos religiosos e espirituais, a Constituição).

Usar nossa imaginação para modificar uma história existente ou criar um mundo fictício nos permite criar soluções para problemas existentes ou imaginar lugares onde existem outros desafios.

As histórias também nos ajudam a resolver problemas, proporcionando oportunidades para experimentar ações diferentes que podem levar a resultados diferentes. Isso é especialmente verdadeiro se outra pessoa estiver ajudando a cocriar a história.

As histórias servem a muitos propósitos em nossas vidas. As histórias são muito mais do que apenas ler ou ouvir. Eles são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional.

A alfabetização começa com histórias que outros nos contam ou que contamos a nós mesmos. Co-criar histórias com um adulto ou colegas ajuda nossos filhos e alunos a começar a criar histórias que possam compartilhar com outras pessoas.

Os adultos começam a “contar histórias” com bebês e crianças pequenas, compartilhando versos infantis, canções e histórias para dormir. Então, nós os ajudamos a aprender a ler as histórias dos outros e a escrever as suas próprias.

As histórias nos ajudam a compreender os outros e a nós mesmos. Sentimos empatia com os personagens que encontramos nas histórias. Essa capacidade de aprender com as histórias é uma habilidade que ajudará nossos alunos por toda a vida. Além de objetivos acadêmicos, as histórias enriquecem vidas e fornecem orientação para viver.